
Amar sem Temer nas ruas de São Paulo

Mulheres Lésbicas e Bissexuais pelo direito de (r)existir!

Maria Stello Leite

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3132>

DOI: 10.4000/pontourbe.3132

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Maria Stello Leite, « Amar sem Temer nas ruas de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3132> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3132

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Amar sem Temer nas ruas de São Paulo

Mulheres Lésbicas e Bissexuais pelo direito de (r)existir!

Maria Stello Leite

NOTA DO AUTOR

Os créditos das fotografias são da Revista Alternativa.

A sociedade que se faz indiferente
Questão cultural, força corporal
Visão moral, pressão mental
Levante sua voz e me diz qualé que é
É embaçado ou não é... Ser mulher!?
(Flor de Mulher, MC Luana Hansen)

- 1 Há pouco mais de dez dias do feriado de Corpus Christi, o Senado Federal aprovou a abertura do processo de impeachment e afastamento da presidente Dilma Roussef. No decorrer de cento e oitenta dias, o governo é assumido interinamente pelo vice-presidente, Michel Temer. Diante dos controversos posicionamentos e argumentações que sustentaram a aprovação do processo, movimentos sociais saíram às ruas para denunciar o chamado “golpe parlamentar”, agregando a este grito a defesa de direitos já conquistados, ameaçados por possíveis retrocessos que assombram mais despidoradamente desde as eleições de 2014. Para além das disputas ideológicas, que também envolvem diferentes interesses econômicos, é necessário não perder de vista que estamos a falar da crise política e seus desdobramentos no governo da primeira presidente mulher do país.
- 2 Ocorreu também, na curta semana que culminaria no feriado, a divulgação na imprensa nacional de um caso de estupro coletivo sofrido por uma jovem na cidade do Rio de Janeiro por mais de trinta homens. A notícia do crime causou grande furor, levando a inúmeras discussões sobre o que se denominou de “cultura do estupro” no país e a

violência sofrida pelas mulheres. Nesse sentido, como parte da proposta lançada no período de greve da disciplina “Etnografias Urbanas: fronteiras, economias e afetos”, levando-se em conta as mobilizações sociais diante do cenário político e a chegada do feriado prolongado, optei por participar da 14ª Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais, com o objetivo de anotar impressões sobre a forma que estas questões tomariam corpo em um movimento de mulheres no espaço público.

- 3 A Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo antecede a Parada do Orgulho LGBT, e convoca mulheres a expressar sua sexualidade e levar suas demandas, vivências e experiências para o espaço público. Neste ano de 2016, a Caminhada aconteceu sábado, 28 de maio, com concentração marcada para o Largo Paissandu. Segundo o itinerário divulgado na rede social Facebook, canal oficial do evento, a Caminhada seguiria pelas ruas, da Avenida São João, Praça da República, até seu destino final, o Largo do Arouche. Até o ano anterior, a Caminhada tinha como ponto de concentração a Avenida Paulista. A partir de uma preocupação em abranger as realidades vividas nas distintas e desiguais regiões da metrópole, em uma das reuniões de organização, decidiu-se por sair do Largo do Paissandu, lugar próximo de ocupações de luta por moradia que permitiria agregar grupos “periféricos” no centro da cidade.
- 4 Parte de um movimento de descentralização, foram realizadas dez reuniões nos mais diferentes pontos da cidade de São Paulo com o intuito de garantir a participação e inclusão de mulheres das periferias na organização da Caminhada. Decidiu-se assim, como tema central desta edição da Caminhada “O grito de resistência das lésbicas e bissexuais periféricas não será mais sufocado! Queremos discutir gênero nas escolas, ser respeitadas na saúde e andar nas ruas sem violência”, publicado no canal oficial de divulgação do evento.
- 5 Ainda na página oficial da Caminhada no Facebook, a organização do evento alerta os(as) interessados(as): “Construída coletivamente entre lésbicas e bissexuais e na compreensão que somos diversas, e passamos por opressões para além de nossa orientação sexual, na construção da caminhada não é tolerado nenhum posicionamento machista, racista, elitista, bifóbico, lesbofóbico, transexcludente, etarista ou capacitista”¹.
- 6 O tema central proposto nos remete diretamente com retrocessos sentidos ainda em 2015, quando grande polêmica tomou conta das discussões em torno da aprovação do Plano Municipal de Educação da cidade de São Paulo², relacionada à presença da discussão de gênero e sexualidade dentro das escolas. Entoando gritos como “família sim, gênero não!”, grupos religiosos cristãos se colocaram à frente da Câmara de Vereadores com o intuito de pressionar para a retirada do que foi identificado como ideologia de gênero. A aprovação do plano com a exclusão de qualquer menção às questões de gênero foi sentida como uma grande derrota por movimentos de luta pela igualdade e respeito a diversidade dentro das escolas. Dentre estes movimentos estavam grupos LGBT, que há muito lutam e promovem discussões sobre a importância de se abordar relações de gênero na escola, um fator fortemente relacionado à evasão escolar. Sendo assim, a Caminhada trouxe para as ruas essa disputa política e ideológica sobre o currículo da educação básica.
- 7 Em frente a igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo Paissandu às 16h, havia poucas mulheres concentradas no local. Pequenos grupos se preparavam para começar a Caminhada, alguns entregando panfletos com os dizeres “Amar sem Temer” e “Fora Temer”, outras aquecendo com palavras de ordem. No ritmo da famosa música de Caetano Veloso, mulheres cantavam “eta eta eta, o Eduardo Cunha quer controlar minha buceta”, acompanhadas por uma percussão improvisada. No aguardo que a Caminhada

tomasse seu rumo pelas ruas, havia um pequeno caminhão da CTB³, que portava uma faixa fazendo referência à Luana Barbosa, mulher negra e lésbica, morta em uma abordagem policial no interior do estado de São Paulo há pouco mais de um mês.

- 8 O público presente na concentração, em sua maioria, era composto por mulheres jovens e brancas, organizadas em diferentes grupos. O tom político presente nos panfletos e cartazes, nas músicas entoadas e nas palavras de ordem demonstrava ser ali um protesto, diferente do clima mais descontraído que acompanha a mobilização política da Parada do Orgulho LGBT. Nesse sentido, em alguns momentos parecia um ato que desejava se contrapor à Parada, como foi possível ler em alguns dos cartazes pregados na porta da igreja, ainda na concentração, com dizeres: “Lésbicas não vão Temer”, “Lésbicas negras invisíveis”, “Resistência Sapatão”, “Sapatão não é diversidade, sapatão é resistência” e “Ser Lésbica é um ato político”.



- 9 Ao iniciar a Caminhada, não havia mais de 200 pessoas, que seguiram atrás do caminhão da CTB, sem a presença de som ou fala tão comuns em outras manifestações, no sentido Praça da República, com alguns policiais militares acompanhando. Ao longo da Caminhada pela avenida São João, pessoas foram se somando, algumas mulheres carregavam crianças no colo, outras portavam cartazes em defesa do veganismo, vendendo “tapioca lésbica” e outras defendendo a misandria. Havia também um grupo, entre homens e mulheres vestidos de uma camiseta verde-limão, que ofereciam o conforto da religião, entregando panfletos com os dizeres “Geradas por Deus e amadas por Cristo”. Esta última era parte da Cidade Refúgio, igreja cristã, que chamava homoafetivos, heterossexuais, transexuais, transgêneros, travestis, negros, brancos, mulheres, crianças, estrangeiros⁴ para seguirem Cristo.
- 10 Ao chegar na Praça da República, houve uma pausa. Algumas pessoas se concentraram atrás do caminhão, abrindo uma faixa “Sejamos milhares na luta contra os estupros e a violência! Luana Presente.” Pelo direito de existir, a morte de Luana Barbosa foi lembrada como um caso de lesbofobia e racismo, evidenciando a violência nas ruas das periferias das cidades a que estão expostas as mulheres. Um momento tenso, já que ao final, palavras de ordem que exigiam o fim da Polícia Militar foram proferidas na direção dos

policiais. Logo em seguida, uma criança no ombro de uma mulher puxa o grito “Fora Temer”, incorporado por pouco mais de duas dezenas das pessoas que participavam da Caminhada.



- 11 Dentre os grupos que compunham a Caminhada, havia um que chamou minha atenção. Eram garotas jovens identificadas como “lésbicas radicais”. Presentes desde o início, ainda na concentração era possível observar que elas formavam um grupo mais homogêneo, vestindo roupas pretas e com os rostos tapados, reforçando frases que nos remetiam a uma oposição à Parada Gay. Carregavam uma grande faixa preta com os dizeres “Lésbicas radicais contra o capital e estado racista patriarcal.” Certa oposição também transpareceu no momento em que se abre na Caminhada uma enorme bandeira do arco-íris. Para algumas que ali estavam, a bandeira do arco-íris não representava as lésbicas. Os dizeres “Sapatão não é diversidade, sapatão é resistência!” foram direcionados aos homens e mulheres que carregavam a bandeira. Mas ela não foi guardada, e continuou aberta enquanto a Caminhada seguiu rumo a rua Rego Freitas, indo para o Largo do Arouche, agora com mais de 500 pessoas junto a ambulantes cadastrados da prefeitura, que vendiam cerveja e catuaba.
- 12 O tom de manifestação política seguiu até o final. Ao chegar ao Largo do Arouche, onde alguns grupos se organizavam para apresentações musicais, a fala ao microfone mantinha a orientação de que “não era uma micareta mas sim um protesto”. A Liga do Funk, Mc Luana Hansen e Sementes de Crioula estavam marcadas para se apresentarem no encerramento.
- 13 A 14ª Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais de São Paulo, no próprio processo de construção, trouxe para as ruas do centro da cidade os problemas de violência vivenciados nas periferias, assim como da saúde e do acesso desigual aos serviços públicos. O “Fora Temer” acompanhou toda a Caminhada, ora em cartazes e panfletos ora em palavras de ordem, demonstrando clara oposição ao retrocesso que as medidas tomadas neste governo interino representam para um movimento de luta pelo respeito e visibilidade de mulheres lésbicas e bissexuais.

- 14 Mulheres ocupando as ruas, organizadas em torno da própria sexualidade. A luta de mulheres em defesa da liberdade de poderem expressar sua orientação sexual nos espaços públicos é um ato político contra um estado violento e patriarcal. A denominada resistência lésbica procura dar visibilidade à violência sofrida pelas mulheres que ousam subverter a heteronormatividade. Diante de um governo que tem como uma de suas primeiras medidas retirar dos ministérios e cargos estratégicos todas as mulheres, é preciso estar atento(a) e fazer das ruas local de manifestar descontentamento e reivindicar representatividade política.
-

NOTAS

1. Texto divulgado na página oficial <https://www.facebook.com/events/1036274776444229/>
 2. O Plano Municipal de Educação, aprovado pela Câmara Municipal em 25 de agosto de 2015 e sancionado em 17 de setembro do mesmo ano pelo prefeito Fernando Haddad, faz parte de uma política nacional, articulada ao Plano Nacional de Educação (2014), que estabelece metas para melhoria da qualidade do ensino no país. Os Planos foram elaborados a partir de orientações nacionais e contaram com a participação de diferentes setores da sociedade civil nas discussões ocorridas ao longo de um ano.
 3. Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil
 4. Estes são dizeres presentes nos panfletos distribuídos pelo grupo.
-

ÍNDICE

Palavras-chave: feminismo, lésbicas, movimento social, manifestação política

AUTOR

MARIA STELLO LEITE

Mestre e doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FE-USP (2014). Possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2010) e desde 2010 faz parte do grupo de estudo Sociologia da Imagem, artes e infância coordenado pela Profª Drª Márcia Gobbi.